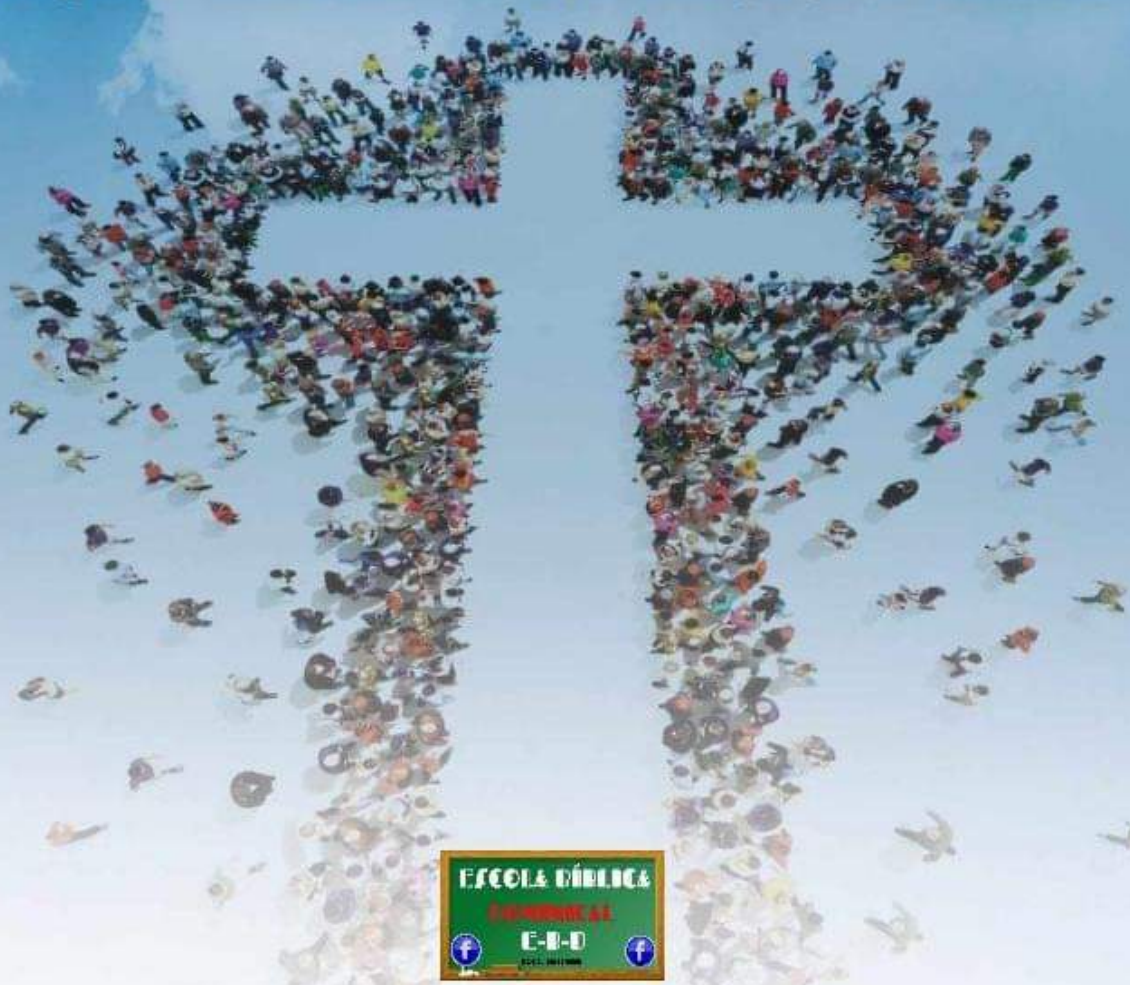
JOSÉ GONÇALVES

O CORPO DE CRISTO

Origem, Natureza e Vocação da Igreja no Mundo



Capítulo 8

A Disciplina na Igreja

> Já vos esquecestes da exortação que argumenta convosco como filhos: Filho meu, não desprezes a correção do Senhor e não desmaies quando, por ele, fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos. Além do que, tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade. E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela. Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados, e fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja se não desvie inteiramente; antes, seja sarado. (Hb 12.5-13)

Sou convertido à fé evangélica há exatamente quatro décadas, pouco mais da metade delas dedicado ao ministério pastoral de tempo integral. Já vi o bastante para saber que a igreja evangélica brasileira vem perdendo cada vez mais a sua capacidade de testemunhar perante um mundo incrédulo.

Basta acessar as redes sociais para ver que a moral cristã está em baixa. Os escândalos parecem fazer parte da ordem do dia. O ruim não é apenas vermos acontecer os escândalos, mas saber que nada acontecerá com essas pessoas que escandalizam. Não há disciplina alguma para elas.[1] Precisamos entender o que é a disciplina bíblica, a

[1] Fico otimista quando a imprensa divulga dados que revelariam um novo "boom" evangélico. Parece que estamos crescendo como nunca, e as estatísticas mais otimistas dizem que seremos uma nação evangélica dentro de uma década. O crescimento é bom quando ele é saudável. Quando o

sua natureza e propósito, se quisermos, de fato, ser reconhecidos como Igreja do Senhor. Sendo uma doutrina bíblica, a questão disciplinar não se encontra na esfera de uma preferência pessoal e que depende das circunstâncias. Não! A disciplina bíblica é algo muito sério e não pode, de forma alguma, ser relativizada sem que isso traga graves consequências para a igreja.

O reverendo Antonio Gilberto escreveu sobre a disciplina no contexto da igreja:

> o sentido do termo disciplina na Bíblia (Hb 12.7). Devido à má aplicação da disciplina cristã na igreja, ela passou a ter um sentido negativo e repulsivo, quando devia ser o inverso. "Disciplina" vem da mesma palavra que originou "discípulo" e "aprendiz" o alvo da verdadeira disciplina é ajudar o crente a ser um bom discípulo. Por outro lado, todo bom discípulo de Jesus deve ser amigo da disciplina. A aplicação da disciplina pode ser em forma de advertência pessoal (Mt 18.15); visitação acompanhada (1 Co 4.19-21; Mt 18.15-17); advertência pública (1 Tm 5.20); comunicação escrita (2 Co 7.8-10); exortação pessoal (Gl 6.1, ARA); suspensão (2 Ts 3.14,15; Tt 3.1); exclusão do rol de membros (Mt 18.17): "considera-o como gentio e publicano". Nesse caso, o ato da exclusão da igreja é apenas uma expressão visível que o Senhor da Igreja já fez.[2]

Quando não há prática da disciplina, o testemunho cristão da igreja é enfraquecido. É preciso, portanto, buscar o caminho bíblico para que a disciplina não desapareça da vida da igreja. Aqui, disciplina não é sinônimo de "castração", mas de "restauração". A disciplina não visa matar o faltoso, mas tratá-lo de forma adequada. Tão logo termine o processo de correção, o crente, agora restaurado, volta à comunhão.

A Necessidade da Disciplina na Igreja

Ao comentar sobre a falta de disciplina na Igreja, Lewi Pethrus escreveu:

crescimento não é sadio. O que podia ser chamado de crescimento é, na verdade, um inchamento. É preciso que a igreja e a sua liderança acorde para esse fato. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/quais-sao-as-igrejas-evangelicas-que-mais-cresceram-na-ultima-decada.

[2] GILBERTO, Antonio. **Bíblia com Comentários de Antonio Gilberto**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

> A frouxidão na disciplina da igreja tem a sua raiz nas tendências que discutimos. As pessoas não querem ouvir sobre punição, pois não é agradável para esta geração atual, nem se presta bem ao cristianismo moderno. Vivemos numa época de tolerância. Muitas vezes ouvimos que Deus é amor, mas raramente que Ele é justo. A frouxidão na disciplina da igreja cristã resulta na rejeição do ensino bíblico de que Deus pune o mal. Essa frouxidão é causada pela falha em entender a Justiça e pela falta de conhecimento a respeito de Deus e a sua personalidade. Os homens acreditam que a indiferença para com o pecado é o mesmo que o amor divino, mas é algo totalmente diferente. A Palavra de Deus nos diz para odiar o mal. Foi dito a respeito de Jesus: "Amaste a Justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros" (Hb 1.9). Aquele que ama a Justiça e odeia a iniquidade considera quão fácil é pecar, e que Deus deve, para manter a ordem no seu grande Universo, punir o pecado e que isso deve ser feito na igreja de Deus. A igreja que ama a Justiça e odeia a iniquidade viverá na plenitude do Espírito Santo e será ungida com o óleo da alegria.[3]

Pethrus está coberto de razão quando aponta nossa complacência para a falta de disciplina na igreja. Devemos, sim, ser misericordiosos, o que é totalmente diferente de sermos complacentes. Infelizmente, há uma tendência no meio cristão de fazer "vista grossa" para certas práticas e comportamentos pecaminosos. Deixar as coisas como estão virou sinônimo de demonstrar empatia. Tudo é validado em nome do "amor".

Amor *versus* Santidade

Nesse aspecto, há duas coisas que devem ser levadas em conta. Em primeiro lugar, devemos entender o que a Bíblia quer dizer quando fala que "Deus é amor" (1 Jo 4.8). Esse texto é usado muitas vezes para validar todo tipo de prática onde supostamente há amor. Assim, o texto é lido de trás para frente: "O amor é Deus". Em outras palavras, tudo é permitido e válido se há "amor." Contudo, no

[3] PETHRUS, Lewi. **Christian Church Discipline.** Chicago: Philadelphia Book Concern, 1944.

texto bíblico, a expressão "Deus é amor" é uma figura de linguagem conhecida como "metonímia", onde se toma o abstrato pelo concreto e vice-versa. Portanto, Deus é amor, mas o amor nunca será Deus. Gramaticalmente, o "amor" aparece como um dos atributos de Deus, assim como o são a santidade e a justiça. Deus não é definido apenas por um dos seus atributos, pois Ele possui muitos. O amor é apenas um deles. O amor, portanto, não pode ser usado como justificativa para validar qualquer comportamento pecaminoso.

O gramático Genival Costa e Silva, meu professor de grego no Seminário Batista de Teresina, explicou esse texto da seguinte forma:

> Dizer que Deus é amor é afirmar que Deus é um ser abstrato, portanto, não possuidor de vida própria; dependente de outro ser, já que o substantivo abstrato *amor* não tem vida própria, depende de outro ser para existir [...] analisando a oração: *Deus é amor*, no aspecto sintático, teremos outro conceito de Deus. Vejamo-lo: Deus é o sujeito da oração, predicado nominal "é amor" e predicativo do sujeito: amor. Que vem a ser predicativo do sujeito? É a palavra que exprime uma qualidade ou estado do sujeito. Por conseguinte, Deus é uma pessoa divina que tem existência independente e atributo moral o amor. Na exegese de um texto literário, seja ele bíblico ou não, para que venhamos entendê-lo, temos de passá-lo para a linguagem literal, chamada denotativa na literatura, a arte de expressar o belo. É errado dizer-se que Deus é amor? Não, já que se trata de uma linguagem figurada chamada na literatura conotativa, e a Bíblia é uma obra literária, e esta é predominantemente figurada, mas para entendê-la, como já se disse, precisamos passar para a linguagem denotativa, isto é, não figurada.[4]

[4] SILVA, Genival Costa. **Exegese Gramatical do Novo Testamento**. Teresina: Edições do Autor, s/d. O professor "Genival", como costumávamos chamá-lo no Seminário Batista de Teresina, foi um poliglota e gramático muito competente. Dominava as línguas grega, hebraica, latina, inglesa e o espanhol. Formou-se no Seminário do Norte, Recife–PE; graduou-se em Filosofia na Universidade Federal da Paraíba, PB; Licenciou-se em Letras Clássicas (Língua Portuguesa, Grega e Latina), pela Universidade Federal do Pará. Foi professor no Seminário Equatorial, Belém–PA; professor titular em Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Estadual do Maranhão e professor Titular de Língua Portuguesa do Centro de Ensino Superior do Vale do Parnaíba (CESVALE). Ensinou Língua

Em outras palavras, o "amor" não é um "deus" em nome de quem todo sentimento deve ser validado. O problema dessa cultura é que criaram um "deus" que atende pelo nome de "amor" e em nome de quem tudo é permitido. Nesse aspecto, o lema torna-se: "se há amor, então vá em frente". Não é de forma nenhuma esse tipo de amor que se refere o texto bíblico. O verdadeiro amor não valida o pecado. O verdadeiro amor, aquele que emana da cruz, cobre multidão de pecados (1 Pe 4.8), mas não o legaliza.

Por conseguinte, o "amor" não é amor se ele contrapõe-se a outro atributo de Deus, como, por exemplo, a sua santidade. Quando alguém invoca o "amor" para validar um comportamento notadamente pecaminoso, mostra que desconhece os fundamentos básicos da teologia cristã. Deus é amor, mas também é santo. Ele é amor, mas também é justo, e assim por diante. Dessa forma, como o amor, a santidade também é um atributo de Deus. Um não existe sem o outro. O amor de Deus exige o perdão; contudo, a sua santidade exige que Ele seja honrado: "[...] santificado seja o teu nome" (Mt 6.9).

O mesmo princípio é exigido no caso da disciplina na igreja. Não se trata de falta de amor ou empatia, mas, sim, se a santidade de Deus está sendo respeitada ou não. Um pastor, por exemplo, pode ser empático com alguém que pecou e, numa demonstração de "misericórdia", não tomar nenhuma atitude com respeito a um pecado cometido. Todavia, embora a sua prática transpareça ser uma demonstração de amor, na verdade não é. Falta o outro lado — a santidade da Igreja de Deus. Quando nenhuma atitude é tomada diante de um pecado cometido, a santidade de Deus é afrontada. Nesse caso, não é a expressão de um amor cristão, mas a manifestação de uma mera complacência humana. Em muitos casos, a coisa é mais grave — é pura conivência. A Bíblia mostra, por exemplo, que o pai que ama,

Grega e Latina em cursos de Extensão na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Língua Latina na Universidade Estadual do Piauí. Foi Professor de Língua Grega, Portuguesa e Exegese Bíblica no Seminário Batista de Teresina. Foi pastor nos Estados da Paraíba, Piauí, Maranhão e Pará e Presidente da Convenção Batista do Pará e Amapá. Escreveu dois livros: *Exegese Gramatical do Novo Testamento Grego* e *Pastores Passíveis de Heresia*. Hoje já dorme com o Senhor. Tive o privilégio de ser o seu aluno de grego e exegese bíblica e o seu monitor na Língua de Homero no Seminário Batista de Teresina. O que aprendi das línguas bíblicas devo a esse gigante da literatura.

embora isso lhe pareça muito doloroso, corrige o seu filho (Pv 3.12; Hb 12.6). Não corrigir, por exemplo, um membro da igreja por uma simples questão de afinidade é corporativismo e complacência, e não demonstração de amor cristão.

Precisamos, portanto, conscientizarmo-nos de que a doutrina da disciplina na igreja é bíblica como qualquer outra doutrina. Corrigir os seus membros sempre foi uma necessidade de uma igreja que tem nas Escrituras o seu padrão de norma de conduta. Uma igreja sem disciplina é fraca e irrelevante.

Pethrus destaca que:

> Devemos exercer a disciplina da igreja para que a Igreja Cristã possa ser um instrumento divino. A Igreja deve ser o instrumento através do qual Deus pode trabalhar. Sabemos que, com o passar do tempo, a Igreja Cristã decaiu até tornar-se uma união humana comum, uma sociedade comum, onde o trabalho é feito segundo os princípios humanos comuns de organização. Não é a intenção que assim seja, mas que a igreja seja um lugar onde o próprio Deus vive e trabalha. Aleluia!"[5]

O Fermento que Leveda toda a Massa

Quando não há disciplina, o pecado prolifera-se com incrível rapidez. Algo de que precisamos levar em conta, quando tratamos da disciplina da igreja, é a questão do poder de contaminação do pecado. O apóstolo Paulo fez referência a esse fato quando escreveu sobre um membro da igreja em Corinto que se envolvera com a mulher do próprio pai (1 Co 5.1-8). Diante da indiferença da liderança coríntia, que não tomou atitude nenhuma diante de um caso tão grave, o apóstolo destacou o mal que isso iria causar. De acordo com ele, "um pouco de fermento leveda toda a massa" (1 Co 5.6-8). Fica evidente que o apóstolo refere-se aqui ao fermento como exemplo de uma coisa ruim. Um pouco de fermento já é suficiente para fazer a massa "inchar".

Ao comentar sobre o poder do pecado para contaminar em 1 Coríntios 5.6-8, Pethrus escreveu:

[5] PETHRUS, Lewi. **Christian Church Discipline.** Chicago, USA. Philadephia Book Concern, 1944.

> Tendo em mente o poder indescritível do pecado de contaminar e espalhar, devemos exercer a disciplina da igreja. Talvez alguém ache que não deveria ser necessário ser tão meticuloso e que um pequeno pecado poderia ser tolerado aqui e ali [...]. O apóstolo, no entanto, deixa claro que, se uma pessoa que vive em pecado puder permanecer na igreja, ela contaminará toda a igreja. "Um pouco de fermento leveda toda a massa". O indivíduo é o único responsável pelo seu pecado enquanto ninguém mais souber dele, mas, assim que for revelado à igreja, o corpo também se torna responsável por ele. Se for tolerado, fica claro que contaminará os outros. Em uma igreja, há pessoas que não têm uma compreensão moral e espiritual clara e estabelecida. A sua concepção é formada pelo ambiente em que vivem e, principalmente, pela igreja a que pertencem. Quando se unem a uma igreja cristã, eles são, de um modo geral, completamente ignorantes das coisas. Eles talvez entrem na igreja com os pensamentos mais elevados sobre os membros da igreja vivendo inteiramente para Deus, mas então eles veem os velhos cristãos fracassarem em coisas que eles mesmos superaram depois de muita luta e sacrifício. Naturalmente, eles são tentados a pensar: "Estes são cristãos antigos, e se eles podem se permitir fazer tais coisas, por que eu deveria lutar tanto para me livrar deles? Não posso ser um bom cristão de qualquer maneira?". E assim, o bom entendimento moral e espiritual que foi obtido através da salvação é rebaixado e destruído.[6]

Mais uma vez, Pethrus foi muito preciso nos seus comentários. Temos muitas vezes a tendência de minimizar uma ação pecaminosa ou relativizar o pecado. É um erro crasso! No caso de Corinto, o apóstolo mandou, literalmente, "expulsar o malfeitor". Isso soa muito forte para mim, mas é a Bíblia que está dizendo. Quando relativizamos o pecado, acabamos enfraquecendo a igreja. Até mesmo nos esportes a questão disciplinar é levada muito a sério. Já vi, por exemplo, uma dezena de vezes atletas de ponta, campeões olímpicos e mundiais serem banidos do esporte porque violaram o código disciplinar da categoria. Eles não podem, por exemplo, ser flagrados no exame anti-doping. E quanto a nós, não deveria haver um maior rigor na questão disciplinar, já que estamos tratando de coisas muito mais sérias?

[6] Idem. *op. cit.* p. 27, 28.

O que foi tratado aqui neste capítulo deve servir de apoio às *Lições Bíblicas* da EBD, onde tratamos de forma mais sistematizada desse assunto. Nosso intuito não é promover uma "caça às bruxas" e muito menos fazer uma apologia a um modelo de disciplina "castradora". Nosso objetivo é buscar o padrão divino para um viver santo. Nesse aspecto, nosso modelo de vida santa deve ser sempre a Bíblia, a Palavra de Deus, e ela afirma com todas as letras que "o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho" (Hb 12.6).